

Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblat

Behind the scenes: the life history of Maurício Rosenblat

EDUARDO DOS SANTOS CHAVES

Mestre em História pela UNISINOS, doutorando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MAURÍCIO ROSENBLAT NASCEU EM 06 DE MAIO DE 1906 EM UM LUGAREJO DE população predominantemente judaica denominado Palácio na Província de Santa Fé, na Argentina. As famílias, tanto do lado paterno, quanto materno eram provenientes dos primeiros imigrantes judeus instalados na Argentina em fins do século XIX pela *Jewish Colonization Association* (JCA). Da parte paterna, os Rosenblat, sabe-se que vieram da Ucrânia, onde sofriam costumeiramente com os *pogroms*.¹ Do lado materno, os Rachewsky, eram camponeses que residiam nas aldeias próximas de Odessa, região da Bessárbia. No entanto, parte da família Rachewsky já havia migrado para o Rio Grande do Sul, particularmente para a cidade de Santa Maria.

Logo após seu nascimento, Maurício Rosenblat e sua mãe, Sara Rosenblat, são abandonados pelo pai da família que toma um destino ainda não desvendado. Sozinha e com Maurício ainda muito pequeno, Sara passa por muitas dificuldades financeiras até casar novamente. Com o novo cônjuge teve duas outras filhas. Maurício, ainda muito jovem, desconhecia sua condição de filho adotivo, embora reconhecesse um tratamento desigual sempre dado pelo padrasto, que privilegiava as filhas.² No entanto, não se referia às desavenças com o padrasto e lembrava dele como: “(...) um livre pensador, maçom, não (...) religioso, não frequentava a sinagoga, não educou os filhos, inclusive a mim, dentro das normas religiosas judaicas. Éramos totalmente livres (...)” (ROSENBLAT, 1988, p. 03).

Ao findar a Primeira Guerra Mundial, o padrasto e a mãe de Maurício decidem migrar para a Palestina e, como afirmou posteriormente em um depoimento “(...) por razões particulares, razões familiares, eu não quis ir junto (...)”. Decide assim se estabelecer na casa de seus avós maternos no Brasil e, dessa forma, em maio de 1921 se estabelece em Santa Maria com apenas 15 anos de idade, onde permanece até 1924.

A mãe e o padrasto, no mesmo ano, em setembro, dirigem-se para a Palestina, deixando marcas profundas na vida de Maurício Rosenblat. Tanto nas recordações de Maurício, como nas de sua filha, Ester Rosenblat Nestrovski, que escutava, quando criança, as histórias familiares de seu pai, a dor e a saudade se davam quando Maurício se lembrava da mãe e da vida difícil que tivera na Argentina. Durante anos, segundo Ester Rosenblat Nestrovski, ela enviava cartas a Maurício mencionando palavras de saudade e tristeza ao não ter o filho por perto. Ele, por outro lado, também escrevia, mas não sentia coragem o bastante para enviá-las.³

Em 1924, três anos após se estabelecer em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Maurício muda-se para Cruz Alta e começa a trabalhar na “*Casa Verde*”, de Miguel Russowsky. Era um estabelecimento comercial da família Russowsky que vendia de tudo,

conforme destacou Ester Rosenblat Nestrovski. Foi nesta época que Maurício conheceu Érico Veríssimo, seu grande companheiro da literatura, talvez o mais amigo de todos e que mais tarde lhe proporcionou o ingresso na *Editora Globo*.

Em verdade, Érico Veríssimo e Maurício Rosenblat eram muito amigos e conviveram próximos até a morte extinguir a amizade. Eles se conheceram em um campo de futebol, em que eram meros espectadores. Aproximaram-se pelo interesse na leitura de obras de ficção e de ensaios, além da música clássica. A amizade seguiu-se por anos e seguidamente as famílias se encontravam e/ou se reuniam para conversas informais, confraternizações ou, no caso de Maurício e Érico, para questões profissionais. As histórias de vida de ambos são semelhantes, de modo que talvez isso tenha contribuído para uma maior aproximação.

Em 1925 Maurício sai de Cruz Alta e vai para Porto Alegre, onde ingressa em seu primeiro emprego no *Banco Francês-Italiano*, na rua General Câmara, na época chamada de rua da Ladeira, no centro da cidade. Tinha dezoito anos incompletos e já percorria o estado como alguém procurando uma situação socioeconômica estável, assim como outros rapazes de sua idade.⁴ Em Porto Alegre, Rosenblat ainda trabalhou na firma *M. Marques*, onde teve contatos com a música clássica, e também na firma *Esteves Barbosa*, em 1928.

Em 1928, Maurício casa-se com Luiza Russowski, que ele já conhecera em Santa Maria. Tiveram duas filhas: Myrian, 1929, e Ester, 1932, ambas nascidas em Porto Alegre. Em 1930, também em Porto Alegre, começou a trabalhar na Loja Rheingantz, tendo sido enviado no ano seguinte para São Paulo gerenciar uma filial e supervisionar outras três. Mas, por motivos de saúde na família, volta a Porto Alegre, decidindo retornar a Cruz Alta, onde novamente permane-

ceu por mais três anos trabalhando na “*Casa Verde*” de Miguel Russowsky.

Passados três anos, de volta a Porto Alegre, Maurício começa a trabalhar na *Casa Vitor* em 1935, convivendo cotidianamente com a música clássica. Permaneceu lá até 1941, quando recebeu um convite de Érico Veríssimo para ingressar na Editora Globo, como secretário.

Nesse momento a família Rosenblat estava residindo na cidade de Porto Alegre em meio à intelectualidade gaúcha. A Editora Globo, local de trabalho de Maurício, desenvolvia um trabalho inovador a partir de uma equipe de profissionais qualificados, abrindo espaço no mercado para a literatura estrangeira, sobretudo no campo da tradução. O Rio Grande do Sul ganhava destaque com a publicação em 1939 de “*Olhai os Lírios do Campo*” de Érico Veríssimo e a literatura gaúcha apresenta-se no cenário nacional.

No que se refere à política nacional vivia-se sob o regime ditatorial do Estado Novo e no plano internacional a Segunda Guerra Mundial e a perseguição aos judeus na Europa dominada pelo III Reich. Como era judeu e estrangeiro, Maurício Rosenblat buscava se afastar das discussões políticas no meio público. Sobre o governo Vargas, afirmou anos depois que este fora pragmático, se inclinando muitas vezes para o lado nazi-fascista da guerra, inclusive colaborando com os integralistas, que ocupavam cargos no Ministério da Justiça e seguidamente dificultavam a entrada de estrangeiros no Brasil.

Em outubro de 1941, “lembro que era na época da enchente de Porto Alegre”, recordou Ester Nestrovsky, uma tragédia se abate sobre a família Rosenblat: a filha mais velha, Myrian, veio a falecer com um tumor no cérebro. A perda da jovem filha, para a família, resultou em desolação, principalmente de Luiza Rosenblat. Nessa mesma época

ca, Maurício recebeu o convite da Editora para instalar-se no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, como descreveu um dos filhos de Henrique Bertaso, José Otávio, “(...) Rosenblat reuniu em torno da filial da Globo, (...) a nata da intelectualidade brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira (...)” (BETANCUR, 1994, p. 38-39). Ester Rosenblat Nestrovsky lembra que sua casa era seguidamente frequentada pelos maiores nomes do universo intelectual brasileiro, como Paulo Roinai, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Marques Revello, o editor José Olympio Pereira, o editor Enio Silveira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e tantos outros. Inclusive um político, Carlos Lacerda, esteve na casa de Rosenblat no Rio de Janeiro, mas a partir de sua aderência aos árabes na histórica Declaração do Estado de Israel, seu pai interrompeu a amizade que tinha com ele. Havia reuniões, jantares e outras diversas atividades que confraternizavam as amizades de Maurício e da família Rosenblat com as grandes personalidades da literatura nacional. A família permaneceu no Rio de Janeiro durante treze anos, onde construíram amizades que, em boa parte, acompanharam Rosenblat durante toda sua vida. Na capital política e intelectual do país Rosenblat teve como objetivo fazer funcionar escritório da Editora Globo, uma das maiores casas editoriais do Brasil.

O trabalho de Rosenblat foi sempre profissional e de muita competência, como retrataram amigos e pessoas que estiveram próximas. Embora não fosse escritor ou poeta, esteve, como observou Josué Guimarães em 1980: “(...) no epicentro da nossa cultura, por detrás dos bastidores, atuando sempre à sombra, na mais genuína modéstia que conheci até aqui”. Descreve Josué Guimarães sobre a personalidade de Rosenblat, a qual era marcada pela “(...) permanente ironia diante das vicissitudes

(...) [e uma] espantosa e quase inacreditável capacidade de suportar as pessoas inconvenientes” (BETANCUR, 1994, p. 39).

Maurício Rosenblat era judeu e assim se definia. Em depoimento ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC) em 1988, Rosenblat comentou das dificuldades que tinha para se inteirar dos assuntos que envolviam a comunidade judaica. Desde que chegou ao Rio Grande do Sul em 1921 sabia da existência da comunidade gaúcha, em menor número, comparada com a Argentina, mas que, paulatinamente crescia e construía suas primeiras instituições representativas. Definia-se como judeu da seguinte forma:

Afirmo meu judaísmo, não tenho porque negar o meu judaísmo, mas não me sinto obrigado a ser judeu e ser sionista; não me sinto obrigado a ser judeu e ser ortodoxo; não me sinto obrigado a ser judeu e ir à sinagoga e não me sinto obrigado a ser judeu e não comer carne de porco. No meu conceito de judaísmo, não é nisto que se forma a condição de ser judeu. Para mim, ser judeu é outra história. É uma história com raízes mais compridas, mais longas, mais sérias. (ROSENBLAT, 1988, p. 23-24)

Nas instituições judaicas atuou como bibliotecário do Círculo Social Israelita em fins da década de 1930, também foi um dos fundadores da Loja Halevi, da B’nei B’rith e participou da Diretoria do Lar dos Velhos, como tesoureiro a convite de Maurício Seligman (EIZIRIK, 1984, pp. 148-151).

Em 1952, Maurício, Luiza e Ester retornam definitivamente para Porto Alegre. Ele havia se demitido da Editora Globo do Rio de Janeiro para atuar em Porto Alegre, na Livraria do Globo. Segundo afirmou Ester Rosenblat Nestrovsky, assuntos de ordem familiar também haviam pesado pa-

ra esta escolha e talvez fossem fundamentais: ela namorava um rapaz com quem Maurício não simpatizava. Na livraria permaneceu por dois anos, saindo para assumir uma filial da *Livraria José Olympio* por ele instalada. Sua permanência na José Olympio perdurou vinte e três anos.

Durante esse período antigas amizades, nunca extintas, são reencontradas, além das novas que foram se formando como Celso Luft, Lya Luft, José Fernando Carneiro, Moacyr Scliar, Guilhermino César, além de outros. Reuniam-se quase todos os sábados em sua casa na Avenida Protásio Alves, e aos domingos na casa de Érico Veríssimo.

Atuante no meio editorial e intelectual, Rosenblat sabia das dificuldades e das possibilidades que havia para a constituição de um espaço em que agregasse um público leitor. Residindo em Porto Alegre e sempre cercado de intelectuais renomados, em 1955 organizou a 1ª Feira do Livro de Porto Alegre, estando durante vinte e três anos na equipe organizadora desse evento.

Maurício teve dois netos: Laura e Arthur, filhos de Ester Rosenblat Nestrovsky e Marcos Nestrovsky. De Laura teve dois bisnetos, Fernando e Luiza, dos quais veio a conhecer o primeiro; e de Arthur, Lívia e Sofia, que não chegou a conhecer. Veio a falecer em 26 de junho de 1988, onze meses depois de sua esposa Luiza, esposa inseparável de toda vida. Para a filha que sempre o admirou muito, ficou a seguinte lembrança: “(...) nossos passeios, só ele e eu, ainda criança, todos os domingos pela manhã, quando íamos ao centro comprar jornais na Banca da Praça da Alfândega, nós dois, de mãos dadas, caminhando pela Rua da Praia, que saudade (...)” (ESTER, 2007).

A trajetória de vida de Rosenblat é singular, assim como muitas outras, e se revela intensa e complexa, o que marcou significativamente sua personalidade. Os grandes nomes da literatura, em mui-

tos casos absorvem os olhares do público leitor, sem deixar espaço para os editores, os livreiros, aqueles profissionais que estão por detrás dos bastidores. No entanto, com uma atuação marcante nas editoras, livrarias, enfim, no mundo das letras, hoje ao falarmos da história do livro no Brasil é impensável deixarmos de lado Maurício Rosenblat.

NOTAS

1 *Pogrom* é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, escravos e outras minorias étnicas da Europa, porém é aplicável a outros casos, a envolver países e povos do mundo inteiro.

2 Entrevista com Ester Rosenblat Nestrovsky, no dia 14 de outubro de 2007, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

3 Entrevista com Ester Rosenblat Nestrovsky, no dia 14 de outubro de 2007, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

4 Há inúmeras referências de jovens judeus e não judeus que saem do interior do Rio Grande do Sul e migram para a capital em busca de melhores condições de vida. Além de melhores postos de trabalho que a capital gaúcha proporcionava, é importante destacar a existência da Universidade Federal, que possibilitava a esses jovens o ingresso em cursos superiores, como Medicina e Engenharia.

REFERÊNCIAS

BENTANCUR, Paulo. *A Feira do Livro de Porto Alegre: 40 anos de história*. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 1994.

EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul/Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.

ROSENBLAT, Maurício. Depto. de Memória/ICJMC. Porto Alegre, 1988. Entrevista a Ester Golandinski.

Entrevista com Ester Rosenblat Nestrovsky, no dia 14 de outubro de 2007, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.